



O QUE DIZEM AS MÃES SOBRE A RELAÇÃO MÃE E BEBÊ?
WHAT DO MOTHERS SAY ABOUT THE MOTHER AND BABY RELATION?
¿LO QUE DICEN LAS MADRES ACERCA DE LA RELACIÓN ENTRE LA MADRE Y EL BEBÉ?

Adriana de Oliveira¹, Eulália Maria Chaves Maia², João Carlos Alchieri³

RESUMO

Objetivo: apreender o que dizem as mães sobre a relação mãe e bebê. **Método:** estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizada a partir de entrevistas em profundidade com seis mães de diferentes níveis instrucionais, tratadas via Análise Lexical pelo *software* Alceste. **Resultados:** emergiram três classes, representando respectivamente 55% (classe 1), 26% (classe 2) e 19% (classe 3) do *corpus*. O foco de atenção na relação mãe e bebê ficou expressivamente voltado aos cuidados básicos (classe 1), onde nela as mães com escolaridade mais baixa representaram suas falas de forma mais expressiva. A mãe com maior nível de escolaridade atentou a aspectos mais complexos da interação, transcendendo a descrição dos cuidados básicos. **Conclusão:** a escolaridade materna pode ser um fator interveniente ao exercício da função materna ou a sua significação, influenciando tanto a narrativa do estilo de laço como também a forma de cuidado. **Descritores:** Relações Mãe-Filho; Poder Familiar; Análise Lexical.

ABSTRACT

Objective: to learn what mothers say about the mother and baby relation. **Method:** descriptive and exploratory study, with a qualitative approach, conducted with in-depth interviews with six mothers of different instructional levels, treated by Lexical Analysis by Alceste software. **Results:** three classes emerged, representing respectively 55% (Class 1), 26% (Class 2) and 19% (class 3) of the corpus. The focus of attention in the mother and baby relation was significantly focused on primary care (Class 1), where the mothers with lower education represented their speeches more expressively. The mother with the highest level of education looked the more complex aspects of interaction, transcending the description of primary care. **Conclusion:** the maternal education may influence on the exercise of maternal function or its significance, influencing both the bond narrative style as the care. **Descriptors:** Mother-Child Relations; Parenting; Lexical Analysis.

RESUMEN

Objetivo: comprender lo que dicen las madres acerca de la relación entre la madre y el bebé. **Método:** estudio descriptivo y exploratorio, con enfoque cualitativo, realizado a partir de entrevistas en profundidad con seis madres de los diferentes niveles de enseñanza, a través de Análisis léxico por el *software* Alceste. **Resultados:** tres clases surgieron, lo que representa respectivamente el 55% (clase 1), 26% (clase 2) y 19% (clase 3) del corpus. El foco de atención en la relación madre y el bebé se centró, en gran medida, de la atención primaria (Clase 1), donde sus madres con educación inferior representado su forma de hablar más expresivo. La madre con el más alto nivel de educación se veía los aspectos más complejos de interacción, más allá de la descripción de la atención básica. **Conclusión:** la educación materna puede ser un factor que interviene en el ejercicio de la función materna o su significado, influyendo tanto en la narrativa de estilo de bucle, así como la atención. **Descriptor:** Relaciones Madre-Hijo; Responsabilidad Parental; Análisis Léxico.

¹Psicóloga, Doutoranda em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Professora Graduação, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: oliveiraadrianade@gmail.com; ²Psicóloga, Professora Graduação/Pós-graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. E-mail: eulalia.maia@yahoo.com.br; ³Psicólogo, Professor Doutor (Pós-doutor), Graduação/Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mail: jcalchieri@gmail.com

INTRODUÇÃO

As circunstâncias favorecedoras da constituição do psiquismo são reconhecidamente referidas às influências que recaem mais prematuramente na vida de uma criança. A relevância do cuidado é destacada especialmente aos profissionais que trabalham com a saúde materno-infantil frente a importância do acompanhamento e valorização do estabelecimento da relação da mãe com o bebê. Este estudo reconhece os efeitos da relação primordial na vida de um bebê e focaliza sua atenção no estabelecimento do laço da mãe com o bebê a partir da perspectiva materna. Nos humanos, este laço se funda inicialmente a partir da dinâmica estabelecida entre a mãe ou quem faça a função materna e o seu bebê.

Considera-se também que em um ambiente suficientemente bom¹ tal função opera em articulação com a função paterna que deverá estar inscrita no agente maternante para que tudo transcorra bem do ponto de vista psíquico. Apesar de em um contexto familiar todos os integrantes estarem imbricados na construção da subjetividade infantil, a criança em fase precoce de sua vida se encontra mais especificamente sob o efeito dos cuidados do agente maternante. Assim sendo, é importante para os profissionais que trabalham com a saúde materno-infantil terem conhecimento deste momento primordial na vida de uma criança.

♦ Sobre o laço mãe e bebê

Adota-se o conceito de laço mãe e bebê por entender que a relação que se estabelece entre ambos pressupõe um vínculo que requer ser construído, devido a sua assimetria, não complementaridade e desnaturalidade² e que deve partir de um endereçamento não anônimo dirigido ao bebê.³ A prematuridade humana ajuda a esclarecer o aspecto essencial do laço entre os humanos, visto ser a dependência literal do bebê⁴ - para sobreviver e se humanizar - que confere o caráter fundamental do agente maternante. É um relacionamento que necessita do investimento dos atores envolvidos para haver o enlace, visto ser a ausência de complementaridade somada a precariedade constitutiva que forja o estabelecimento deste laço primordial na vida do bebê.³ O tempo da primeira infância à adolescência se mostra propício à constituição da estrutura psíquica, momento de consolidar um estilo de ser de cada humano e que posteriormente a tal tempo seguirão ocorrendo marcas psíquicas, todavia elas ressignificarão as já anteriormente inscritas e que servem de sustentação.³

Ao falar da maternagem ressalta-se o conceito da “mãe dedicada comum”, que se diz respeito à maioria das mães que conseguem espontaneamente se dedicarem aos cuidados de seus filhos.¹ A mãe geralmente tem uma identificação muito sofisticada com seu filho, e que os cuidados prestados a ele dizem respeito ao “assentamento das bases da saúde mental”.¹ Quando a relação mãe e bebê é eficaz, a mãe se oferece como um porto seguro onde seu filho, ao invadir-se de sofrimento físico e/ou mental, poderá atracar.⁵ Um ambiente insuficiente distorcerá o desenvolvimento infantil.¹ Assim para uma mãe deprimida haverá mais dificuldades em encontrar um ponto de harmonia entre ela e seu bebê.⁶

Dentre as funções reservadas à mãe há os investimentos corporais presentes na dedicação no dia-a-dia com o bebê, como falar com ele, banhá-lo, alimentá-lo, fazê-lo dormir, introduzir e favorecer o estabelecimento do sono e vigília, onde por meio de tais cuidados a mãe promove a subjetivação no corpo do bebê e uma forma singular de maternagem, fazendo suplência as suas limitações.² Cabe destacar que a função materna contém o amor como fundamento⁷ e “tem um papel decisivo para a constituição do psiquismo do recém-nascido”.^{2:15}

A forma de comunicação entre mãe e bebê ocorre em várias esferas, e dentre elas, a amamentação, o choro e a voz. A amamentação pode vir a ser para o recém-nascido, das suas experiências, a mais privilegiada para acalmar sua angústia e aliviar sua tensão, permitindo a ele experimentar uma certa continuidade intrauterina e corporal no corpo materno.⁸ Sendo a primeira forma de alimentação do bebê, a amamentação repercute de inúmeras formas na mãe e frequentemente favorece uma vivência de intimidade, visto o bebê receber dela o dom materno.⁹ Há necessidade premente para o bebê de ele se nutrir de carícias a fim de aliviar suas tensões internas.¹⁰ Cabe informar que um vasto número de pessoas se desenvolveu de maneira satisfatória, sem ter vivenciado a experiência da amamentação ao seio, que apesar de essencial, não deve ser insistida na existência de uma dificuldade pessoal materna, existindo outras formas de intimidade física promotoras do laço; porém que algo se perde quando esta experiência não se concretiza.¹

O choro tem função comunicacional, tendo em sua origem uma reação automática, vital e primitiva do bebê a qualquer sinal de desconforto, mas com o tempo ele se torna uma forma sutil de comunicação entre a

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

díade, tendo múltiplas significações (dor, fome, birra) e respostas pelo cuidador.⁹ O bebê, ao sentir fome, sede o utiliza para sinalizar à mãe que algo não vai bem, principalmente em fase mais precoce de sua vida, mas chorar ou gritar não aliviará a sua tensão, porque este movimento parece ter uma função secundária essencial ao bebê de comunicar ao agente maternante seu mal-estar.¹¹

A voz é outra ferramenta fundamental utilizada na dupla mãe e bebê. A interação vocal da maioria das mães com seus bebês contém estrutura simplificada, com sons carentes de significados, presença curvas melódicas acentuadas e falas curtas.¹² A constância em que estes elementos se apresentam permite que eles sejam unidos em um conceito denominado “manhês” ou *motherese*,¹²⁻¹⁴ que se refere a uma fala materna não articulada e bastante melódica e que possibilita o reconhecimento pelo bebê de suas próprias vocalizações preenchidas de afeto; onde o sentido do que é dito entre a mãe e o bebê se localiza mais na sonoridade e melodia vocal que nas palavras proferidas, remetendo sempre à uma dimensão afetiva.¹² Esta forma de falar “é indispensável para que um dia o sujeito da fala se constitua”^{15: 71} e mães ao redor do mundo, de distintos países, se valem da língua do “manhês” para falarem com seus bebês.¹⁴

Uma comunicação sintônica entre a mãe e bebê é um dos aspectos fundamentais para disparar as operações constituintes: aquelas que servem de lastro psíquico ao bebê. Estas operações, que ocorrem nos diferentes momentos lógicos da constituição psíquica, são intrínsecas a função materna, que requer sustentá-los para que tudo transcorra bem com o seu bebê. Eles dizem respeito a 4 momentos reconhecidamente formadores do psiquismo^{2,3,16}, complexos e intrinsecamente interligados. São eles:

Suposição de sujeito: no momento inicial de sua vida a mãe atribui as suas manifestações desintencionais, uma intenção, supondo nele um sujeito, precipitando uma condição no seu bebê que ainda não existe de fato, antecipando o que está por vir: escuta nos sons inarticulados de seu filho uma comunicação; fala a ele mesmo que ele não a compreenda, crendo numa conversação. É tal suposição que permite a mãe tomar o choro como um apelo e construir diferentes sentidos. Quanto maior sintonia da dupla mãe e bebê, mais haverá correspondência entre as urgências vitais que ele apresenta e a significação por ela formulada. Esta é a sutileza do processo de apropriação de um

saber pelo bebê, que é costurado no cotidiano dos cuidados a ele dispensados. A mãe é quem estrutura e sustenta o diálogo com o bebê, tomando suas produções como “atos de fala” revestindo-as de intencionalidade.¹¹

Estabelecimento da demanda: a mãe deve tomar as produções que seu bebê lhe faz como um pedido e posicionar-se no sentido de responder a ele: atendendo-o, priorizando ou frustrando suas solicitações. Sua postura implica uma dupla tradução: traduzir em palavras as ações do bebê dando a elas um sentido; e traduzir em ações as suas palavras, convocando e capturando o bebê na linguagem.

Alternância presença-ausência: remete a uma dimensão essencialmente simbólica. É necessário armar uma descontinuidade corporal entre a dupla mãe e bebê. Quando a alternância é continente, as lacunas abrem espaço à emergência de diferentes produções pelo bebê que adquirirão uma marca autoral. Cabe ao agente maternante produzir um ponto de equilíbrio entre a presença e a ausência. Isto não significa se posicionar de forma mediana entre ambas, mas alternar-se nestas posições, estando presente e ausente física e psiquicamente no dia a dia de seu bebê. Esta alternância presença-ausência, quando eficaz, permite que os diferentes ritmos e novos espaços relacionais sejam articulados em uma rede de significações na vida do bebê. A mãe vale por sua presença, e ao se ausentar se torna um agente simbólico.¹⁰ Sem uma presença fundante “não haverá ausência que possa se inscrever”.^{15:67}

Instalação da alteridade: remete a entrada de um elemento terceiro - a lei - no laço mãe e bebê, marcando um lugar além da mãe. Mais frequentemente a lei pode estar representada no agente paterno, mas não se restringe a figura do pai em decorrência de se tratar de uma dimensão simbólica. A lei deve servir de baliza e simultaneamente ser interditora dos excessos presentes na relação primordial, o que requer, nestas circunstâncias, que os interesses maternos não se restrinjam ao bebê, situando-se para além dele.

Há um leque muito grande de diferentes estilos que sustentam estas operações³ e tanto a função materna quanto a paterna deixam no bebê vestígios do estilo de parentalidade¹⁷, tal como o estado emocional materno, que repercute na vida intrauterina como no período neonatal e nos primeiros anos de vida de uma criança.^{6,13,18,19} Além da influência das condições emocionais maternas ao desenvolvimento infantil, a escolaridade materna, dentre as variáveis

sociodemográficas, também é aceita como um dos indicadores ao desenvolvimento infantil.

Estudos verificaram que a escolaridade materna e nível socioeconômico têm efeitos para o desenvolvimento na infância, ressaltando a existência de poucos estudos brasileiros e de países subdesenvolvidos que abordam a influência da escolaridade da mãe, das crenças e das condições socioeconômicas dos pais no desenvolvimento do filho,²⁰ portanto, o nível da escolaridade materna também impacta o desenvolvimento infantil, sendo um fator importante a ser considerado, visto que mesmo as crianças estando bem saudáveis e nutridas, podem não atingir todo o seu potencial de desenvolvimento em decorrência de não lhes terem sido ofertados os estímulos apropriados.²⁰ Além disto, o nível educacional materno também influencia as crenças das mães sobre o desenvolvimento de seus filhos.²⁰ Evidenciam-se também que dentre os aspectos socioambientais, a educação materna exerce impacto superior a escolaridade paterna.²⁰ Por outro lado, as condições socioeconômicas influenciam direta ou indiretamente no desenvolvimento das crianças, como foi constatado em todos os estudos avaliados, destacando ainda estudos mostram que o aumento do nível educacional da mãe permite a ela conhecer mais sobre as necessidades de seu filho.²⁰ Também a escolaridade materna, entreposta a estímulos ambientais, é um fator que contribui para a estimulação da criança e exerce influência no desenvolvimento cognitivo infantil.²¹

Ao estudarem as práticas educativas maternas verificaram que as mães que tinham escolaridade e condições socioeconômicas mais baixas também faziam uso mais recorrente da punição física na educação de seus filhos.²² Além disto, “esse achado está de acordo com o que muitos estudos indicam sobre o impacto negativo da baixa escolaridade e do baixo nível socioeconômico sobre as práticas educativas parentais”^{22:39}, sinalizando que a escolaridade parental pode impactar no desenvolvimento das crianças.²² Ainda quanto à escolaridade materna constatou-se que ela se relaciona tanto com a responsividade materna quanto com práticas de socialização facilitadoras do desenvolvimento infantil utilizadas pelas mães.²³ Os autores sublinham “a importância da educação materna para que as tarefas ligadas à parentalidade sejam desempenhadas de maneira satisfatória, de modo a favorecer o desenvolvimento infantil pleno nos primeiros anos de vida”.^{23:312}

OBJETIVOS

- Apreender o que dizem as mães sobre a relação mãe e bebê.
- Caracterizar os indicadores relevantes ao exercício da maternidade.

MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, em uma amostra de característica aleatória de seis mães habitantes de uma cidade no interior da Paraíba, com escolaridades diversificadas; idade acima de 18 anos; com bebês de até 18 meses de vida; nascidos a termo (ou que não precisaram ser internados em Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal); sem anomalia congênita e que residem com seus bebês.

Quanto à técnica de amostragem as participantes foram localizadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS); creches municipais e um consultório pediátrico privado (a fim de ter a escolaridade de pós-graduação representada). Neste contato inicial, as mães interessadas em participar e que se enquadravam nos critérios da pesquisa, preencheram uma Ficha de Contato Inicial. Posteriormente elas foram contatadas ao acaso a fim de verificar se mantinham o interesse em participar do estudo, e ao atingir uma participante de cada um dos níveis de escolaridades: sem escolaridade, ensino fundamental incompleto, e ensinos fundamental, médio, graduação e pós-graduação completos, encerrou-se a marcação das entrevistas.

As entrevistas, com duração média de 60 minutos, foram filmadas somente com o intuito de priorizar o recurso do áudio devido a sua qualidade sonora, a fim de favorecer a transcrição. Formularam-se questões às entrevistadas para que pudessem discorrer acerca dos seguintes assuntos: aspectos importantes, favoráveis e desfavoráveis, para a formação do vínculo mãe e bebê; os cuidados prestados a um bebê; compartilhamento de cuidados; aspectos que podem auxiliar ou prejudicar o desenvolvimento do bebê; como saber se está tudo bem com o bebê e como perceber quando o bebê não está bem e se os pais são importantes na vida do bebê com a respectiva justificativa. As questões foram disparadoras do tema e à medida que era necessário algum esclarecimento, ele foi solicitado.

Utilizou-se a técnica de entrevista em profundidade, utilizada no campo da pesquisa e que visa apreender pontos de vista do

entrevistado a respeito do tema investigado.²⁴ As entrevistas transcritas foram processadas pelo *software* Alceste, que revela a comunicação de ideias e opiniões do entrevistado acerca do tema solicitado, considerando a frequência com que as palavras se repetem, agrupando-as em função de suas raízes e buscando, através de uma análise lexical, a construção de sentido.²⁵ O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - nº CAEE: 12432213.5.0000.5537.

RESULTADOS

Tabela 1. Características sociodemográficas das participantes					
Escolaridade	Idade	Filhos	Estado Civil	Renda Familiar	Idade do Bebê
Não Alfabetizada	32	5	C/EU	490,00	11 m
Fundamental Incompleto	25	3	C/EU	800,00	14 m
Fundamental Completo	19	1	C/EU	678,00	11 m
Médio	27	1	C/EU	1.600,00	17 m
Graduação	32	2	C/EU	1.900,00	14 m
Pós-graduação	34	2	C/EU	3.900,00	16 m
Salário Mínimo = 678,00 - Ano 2013					C/EU =
Casada/União Estável					

Ao processar as entrevistas o Alceste identificou um *corpus* constituído de 6 unidades de contexto iniciais (UCI) - correspondendo as 6 entrevistas em profundidade realizadas - totalizando 21.994 ocorrências de palavras, sendo 2.534 delas diferentes, com uma média de 9 ocorrências por palavra. Para a análise que se seguiu, foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior à média e com $x2 \geq 3,84$. Após a redução do vocabulário, foram

♦ Características das participantes

É possível observar que as mães tinham entre 19 e 34 anos, tendo de 1 a 5 filhos e que as mães com maior número de filhos apresentavam ter escolaridade mais baixa ou inexistente. Já as mães com maior escolaridade possuem uma renda familiar mais elevada e aquelas com nível instrucional mais baixo ou inexistente, têm condições econômicas mais desfavoráveis. A maioria era casada ou com união estável. Todos os bebês tinham idade a partir de 11 meses (Tabela 1).

encontradas 452 raízes e o *corpus* resultou em 420 unidades de contexto elementares (UCE). A classificação hierárquica descendente (CHD) reteve 81% do total das UCE do *corpus*, o que corresponde a porcentagem de aproveitamento das entrevistas. A análise gerada pelo Alceste resultou em três classes formadas com, no mínimo, 20 UCE cada. Deste processamento emergiu um dendrograma com duas repartições do *corpus* (vide Figura 1).

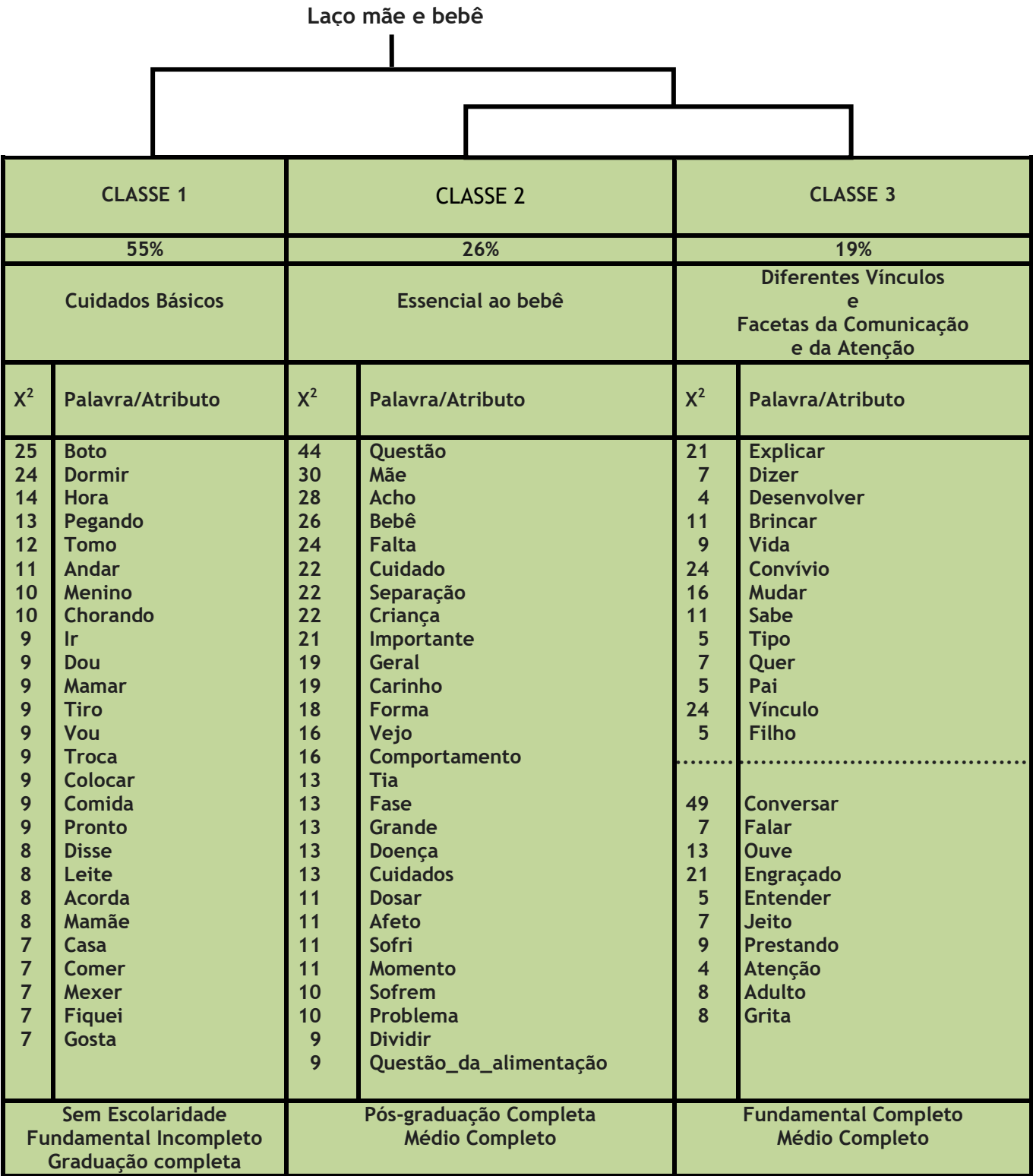


Figura 1. Dendograma com classificação hierárquica descendente (Classes 1 e 2) e ascendente (Classe 3) das entrevistas.

O primeiro agrupamento é composto apenas pela Classe 1 denominada **Cuidados Básicos** e diz respeito a um único bloco textual. O segundo é constituído pelas Classes 2 e 3, nomeadas, respectivamente: **Essencial ao bebê** e **Facetas da comunicação e da atenção**. O fato de elas resultarem de um bloco textual comum (vide Figura 1) permite inferir que possuem sentidos complementares.

Classe 1: Cuidados básicos

Esta classe se refere aos cuidados básicos do dia a dia que uma mãe presta ao seu bebê e representou 55% do *corpus* e envolveu 184 UCE, demonstrando ser aquela com maior representatividade. Ela foi formada por palavras e radicais no intervalo entre x2 = 25 (botar) e x2 = 7 (gosta). As experiências de cuidados rotineiros estão presentes nas falas

maternas, evidenciadas nos exemplos a seguir:

[...] e a hora de **dormir** que é sagrada, né? **Aí ele começa a chorar, chorando a chorar, a chorar, a chorar**” [...]. (M2)

[...] **aí ele ficou com medo de andar...** ele veio **andar** tem uns quinze dias mais ou menos [...] os passinhos no caso atrapalhou, porque já era para ele dar as passadas dele antes, né. (M2)

Quando eu tô em casa e ele tá sujinho e brincando, **aí eu vou e dou** um banho nele e **boto** no peito, **aí ele dorme**. (M2)

É, converso muito [...] **Conversando um negócio assim: mainha, vamo dormir! Aí ela fazia (gesto) balançando a cabeça que dormia**. (M3)

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

[...] *dou banho, dou de comer, boto pra dormir. Quando se acorda dou banho de novo [...].* (M3)

[...] *é de seis horas [que a filha dorme] [...] aí eu fico com ela [às 4:00 quando ela acorda] em cima da cama brincando com ela, quando dá a hora pá ajeita pá ir pô colégio.* (M3)

[...] *ela quando tá alegre sai abraçando o povo. O pessoal passando, pegando nas perninhas, ela tá doida pá andar.* (M3)

[...] *a chupeta só dou se for pra dormir ou então se ele tiver chorando acordado, eu não sou mãe de deixar ele ficar chupando chupeta o dia todo não [...].* (M4)

As falas acima destacadas comunicam o cotidiano das mães com seus filhos. Esta classe parece revelar o quanto à atenção materna fica bastante direcionada aos cuidados básicos e rotineiros com seus bebês. Nas questões geradoras da entrevista, somente uma delas tinha alta afinidade com este tema, apesar disto 55% das falas maternas ficaram restritas a comentários do dia a dia das mães com seus bebês.

Classe 2: Essencial ao bebê

Representa aspectos considerados importantes na relação estabelecida com um bebê, dentre eles: a mãe, o pai, o afeto e o cuidado harmônico. Esta classe foi formada por 88 UCE e conteve 26% do corpus, sendo composta por palavras e radicais no intervalo entre $x_2 = 44$ (questão) e $x_2 = 9$ (questão_de_alimentação). Destacam-se frases representativas desta classe:

Em primeiro lugar a amamentação, né? Acho que é o maior vínculo que a mãe tem com o bebê [...] essa questão de passar carinho também para o bebê [...] O primeiro contato que pra mim, assim, é fundamental [...] tem o toque, a forma de falar. (M1)

A fase do bebê, do cuidado é mais da mãe mesmo. Por mais que o pai esteja ali, que eu acho importante o pai estar, mas aí a mãe eu acho mais fundamental. (M1)

Por mais que uma outra pessoa venha a cuidar de um bebê com amor, com carinho [...] eu acho que a relação mãe e bebê é incomparável. (M1)

A mãe é importante, mas nem sempre a mãe [...] porque têm muitas mães que tem e abandona o filho e outras que cuida e cuida melhor do que a própria mãe que teve. Ter uma mãe... é importante para o bebê [...]. (M5)

[...] *por mais que o pai venha a ter participação, ele não é como a mãe, mas que é importante para mim, é importante o pai estar presente [...] a importância do pai, acho que na formação da criança, na complementação desta formação.* (M1)

O afeto é muito importante na relação da família. Aumenta assim, o amor, aumenta a cumplicidade, é [...]. (M1)

Classe 3: Diferentes vínculos e Facetas da comunicação e da atenção

Ela foi dividida em duas subclasses (Figura 1), estando separadas por uma linha pontilhada. A primeira, nomeada **Diferentes vínculos**, aborda distintas formas de convívio da criança e os efeitos desta diversidade de ambiente. Já a subclasse **Facetas da comunicação e da atenção** revela a dimensão da comunicação e da atenção com suas variantes. Ambas comportam aspectos favoráveis e desfavoráveis. A classe 3 apresentou 65 UCE e contabilizou 19% do corpus, sendo composta por palavras e radicais no intervalo de $x_2 = 24$ (convívio) e $x_2 = 4$ (atenção).

Exemplifica-se a subclasse **Diferentes vínculos** através de uma fala que espelha uma forma salutar do estabelecimento do laço com o bebê:

Importantes [...] o carinho, a dedicação, porque precisa ter muito e também compreender, porque uma pessoa bem pequenininha tem de compreender muitas coisas sem que ele explique, porque não tem como ele explicar [...] você já consegue ter aquele vínculo [...] e de acordo com um tempo você se acostuma e aprende o que ele está precisando. (M5)

A seguir, retrata-se a subclasse **Facetas da comunicação e da atenção**:

[...] *eu achava também que ele entendia [...] e já com um mezinho até dois, três não tem aquela perceptividade todinha, mas dos três mezinho em diante ele já olhava, ficava prestando atenção [...] no que a gente estava falando [...].* (M5)

DISCUSSÃO

Cuidados Básicos (Classe 1)

Conforme os resultados apresentados nesta classe se verifica que as mães demonstram o que se denominou de “mãe dedicada comum” ao se referir a maioria das mães que naturalmente se dedicam aos cuidados dos filhos e para isto, prescindem de especialistas, visto que sabem de forma espontânea como agirem e zelarem por eles.¹ Observa-se nas falas das mães (classe 1) que o exercício da função materna também passa pelos investimentos corporais como dar banho e colocar para dormir, pois esta função pressupõe a subjetivação do corpo do bebê através da atenção a ele dispensada e construindo um estilo de maternagem.²

Apesar de as falas destas mães não poderem abarcar a complexidade de uma

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

relação, elas aludem ao fato de haver um leque muito grande de diferentes estilos que podem sustentar as operações constituintes de um bebê.³ Será no cotidiano da interação destas mães com seus bebês que se configurará um estilo de cuidado, um modelo de maternagem que impregnará a relação e a tornará única, particular. Há, portanto, diversos modos de uma mãe ser suficientemente boa,¹ e se identifica nos meambros dos comentários das mães entrevistadas a marca de diversos estilos de cuidado.

Observa-se nas falas das mães (Classe 1) que o exercício da função materna também passa pelos investimentos corporais como dar banho e colocar para dormir, pois esta função pressupõe a subjetivação do corpo do bebê através da atenção a ele dispensada. A mãe ocupa-se do olhar, da alimentação, da voz, da alternância sono e vigília, da higiene pessoal de seu filho e estabelece, via os cuidados a ele dispensados, um circuito pulsional, onde estas experiências sedimentam a relação com seu bebê, construindo nela um estilo de maternagem.²

O bebê ao sentir fome, sede, utiliza-se do grito ou choro, principalmente em fase mais precoce de sua vida.¹¹ Isto sinaliza para a mãe que algo não vai bem, mas chorar ou gritar não irá aliviar a sua tensão.¹¹ Este movimento do bebê parece ter uma função secundária essencial para ele: comunicar a ela seu mal-estar. O choro passa de um gesto reflexo a uma comunicação sutil entre a díade⁹, tendo múltiplas significações (dor, fome, birra) e respostas pelo cuidador. Cita-se uma fala que remete a isto:

[...] quando ele se acorda de manhã quando ele não tá bem eu já sei logo [...] que ele acorda chorando muito. (M2)

Na classe 1 estiveram representadas as falas de mães de distintos níveis de escolaridade, predominando o discurso relativo aos cuidados cotidianos das mães com seus bebês. Percebeu-se, ao entrevistar as mães, que algumas delas tinham dificuldade em responder às questões a elas formuladas a partir de reflexões, ficando bastante restritas aos fatos e experiências pessoais do “aqui e agora”. Portanto, falavam a partir de suas práticas e se detinham em minúcias dos cuidados rotineiros com seus bebês, muitas vezes, em detrimento daquilo que lhes era solicitado. A análise gerada indicou que as falas das mães com menor escolaridade (sem escolaridade e fundamental incompleto) concentraram-se mais nesta classe. No entanto, também é possível identificar que a opinião da mãe com graduação também se

mostrou evidenciada. Isto pode significar que apesar de todas as mães terem falado sobre os cuidados cotidianos, o discurso destas três mães foi expressivamente maior. Vale salientar que o nível de escolaridade materno é apontado na literatura como fator importante quanto à influência e a compreensão do desenvolvimento das crianças. Tal afirmação é fortalecida com os dados que mostraram que a escolaridade reflete na capacidade materna de perceber as necessidades de seu filho²⁰ e que também beneficia à estimulação infantil.²¹

Essencial ao bebê (Classe 2)

Evidencia-se nos comentários desta classe a presença imprescindível do agente maternante, além de abordar a relevância da função materna, reforça o que o senso comum largamente dissemina: “mãe é aquela quem cria”. Estas assertivas conduzem ao que aponta a literatura: é importante atentarmos à função materna, pois será a forma de ela operar que fornecerá as bases para o sujeito advir. Quem exerce a função materna é personagem central na vida de um bebê,⁴ principalmente quando carrega consigo o afeto, o carinho, o cuidado, conforme realçado nesta classe. A função materna tem o amor como princípio. Todavia, parece importante sempre atentar para todas as gradações que ele comporta.⁷

Uma das falas desta classe (classe 2) remete ao caráter primordial da amamentação para a formação do vínculo mãe e bebê. A amamentação é a experiência mais privilegiada para o bebê para acalmar a angústia e aliviar sua tensão, favorecendo uma continuidade da vida intrauterina e corporal materna.⁸

Identifica-se também a importância da dosagem nos cuidados com o bebê:

[...] eu procuro fazer esta dosagem... tanto na vida pessoal quanto a do trabalho, entendeu? [...] É dosar para que eles possa se desenvolver sem falta e sem excesso [...] porque pra mim a falta prejudica e o excesso também. (M1)

Este aspecto representa uma preocupação recorrente das mães: qual a justa medida no cuidado com o filho? Como dosá-lo? Este ponto parece harmonizar, em parte, com uma das operações constituintes: alternância da presença-ausência,^{2,3,16} já que nesta operação é imprescindível que o agente maternante se situe em um *continuum* entre a presença e a ausência na relação que estabelece com o seu bebê. Para os autores, a eficiência da alternância presença-ausência favorece que o bebê tenha uma diversidade de experiências quanto a ritmos e modos relacionais e que

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

estes sejam incorporados pelo bebê em uma dimensão simbólica, tornando-os próprios. Vale aqui destacar que a presença constante e fundante da mãe na vida de seu bebê é fundamental, entretanto, são os momentos de ausência que a permitem se inscrever simbolicamente.^{10,15} Esta dimensão simbólica opera no cotidiano das interações e que não se restringe a presença ou ausência físicas, e se faz presente nas mínimas e diferentes facetas da vida. Saber alternar-se nesta posição parece ser um desafio enfrentado pelas mães.

Esta classe concentra maciçamente o discurso da mãe com o nível instrucional mais elevado dentre as participantes (pós-graduação), e parece sinalizar aspectos relevantes da maternidade que transcendem aos cuidados básicos (não menos importantes) e que contemplam uma dimensão expressivamente simbólica como se verifica:

*[...] alimentar o **bebê** com boas informações, com muito **carinho**, **cuidado**, na **dose**, **acho** que é isso. (M1)*

Diferentes vínculos (Classe 3)

Frases que exemplificam esta subclasse em uma vertente desfavorável ao vínculo:

*[...] e isso eu vejo diferente nos outros, os outros **pais** mal olham, chega, não **quer** ligar para o **filho**. (M5)*

*[...] o que dificulta muito esse **vínculo** é mãe que não tem aquele carisma de ser mãe, não **sabe conversar** com o **filho**, não **sabe brincar**, não **sabe** contar uma história [...] mãe muito séria. (M4)*

O estabelecimento de um laço suficientemente bom entre a mãe e o bebê requer uma genuína implicação quanto às presenças física e psíquica, esta disponibilidade interna e de tempo é condição necessária para que o laço se efetive. Portanto, é um laço que necessita ser construído², e a primeira infância é, junto com a adolescência, o tempo de consolidação do estilo de ser de cada humano, tempo de estruturação do psiquismo.³ Assim sendo, os cuidados parentais - materno e paterno - deixam marcas específicas na criança.¹⁷ A mãe [e também o pai] normalmente se oferece como porto seguro frente às contingências da vida de seu filho.⁵

Vale considerar que tanto os jogos encetados na relação mãe e bebê quanto o brincar simbólico são promotores do psiquismo. O caráter lúdico, inerente ao brincar e a infância, gera sensações prazerosas que impulsionam novas alternativas de aprendizagem, de interação e de respostas da frente às demandas internas e externas nas quais o bebê ou a pequena

criança estão expostos. Em ambientes que dificultam ou não fomentam o brincar é evidente que a aprendizagem também comparece. Porém, um ambiente insuficiente distorcerá o desenvolvimento infantil.¹

Facetas da Comunicação e da Atenção

Falas favoráveis à formação do laço mãe e bebê:

*Ela gosta muito de **conversar**. É, tudo que ela aponta a gente tá falando tudo é [...] eu não sei te explicar é muito **engraçado** [...] como que ela **entendesse** você **falando** [...] acho que é porque a gente **conversa** bastante com ela. (M6)*

*[...] no meu ponto de vista você **fala**, mas também tem que **ouvir** as pessoas, você não tem só que **falar, falar, falar** você tem que **ouvir**. Ele [marido] é do mesmo jeito que eu [...] do mesmo jeito que eu estou **falando**. (M1)*

***Falar** com um **adulto** e com uma criança é diferente neste sentido, a gente vai **falando** mais dócil [...] a gente vai **conversando**, vai brincando alguma coisinha que é brincadeirainha [...] vai **falando** nos dengozinho [...] é diferente. Eu não sei dizer se isto é bom, mas eu sei que isto eu faço [...] eu sei que ele vai **entendendo**. (M5)*

Ao nascimento de cada bebê, nasce também uma nova mãe, pois mesmo que uma mulher venha a ser mãe novamente, será uma nova e particular experiência. E uma das formas de a mãe convocar o bebê no laço é através de sua voz. Portanto, dirigir-se ao bebê pressupondo nele um interlocutor é uma das funções maternas, tal como evidenciado em algumas falas. A mãe, ao dar sentido as manifestações do bebê, sustenta simultaneamente duas posições favoráveis a constituição psíquica: estabelece a demanda de seu filho e supõe nele um sujeito, antes dele efetivamente sê-lo,^{2,3,16} levando-o a se apropriar de suas produções. Apesar de a mãe estruturar o diálogo, ela toma as vocalizações de seu bebê como “atos de fala”, revestindo-as de intencionalidade, como fica evidente nos relatos acima.¹¹

Há ainda o aspecto convocante da fala materna, que se apresenta de forma melódica e harmoniosa, com várias tonalidades afetivas,¹² capturando a atenção do bebê e fazendo nele marcas psíquicas. Agrega-se o fato de ser mais importante para o estabelecimento do laço mãe e bebê a forma carinhosa e a melodia concernente a voz materna que o sentido das palavras que a mãe dirige ao seu bebê.¹² Este diálogo afetivo é fundamental para cativar o sujeito na linguagem.¹⁵ Logo, a forma melódica fundará

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

ou não um ambiente satisfatório, receptivo e afetivo, conforme as capacidades maternas.

Evidenciam-se exemplos de estilos de comunicação e de atenção prejudiciais ao bebê:

Acho que o prender, não conversar, como sempre falei, não conversar com a criança, acho que prejudica, a criança sem diálogo, fica sem saber retribuir aquela conversa, aquele sorriso, aquela atenção [...] acho que é bom estimular. (M4)

[...] a falta de amor, de atenção [...] uma mãe ser ausente em tudo o que o filho faz, eu acho que isso prejudica muito. (M6)

Se quem exerce as funções parentais não tomar as manifestações do bebê como cativantes, suas manifestações não serão incluídas em uma rede interativa, ficando impedidas de operarem como constituintes do diálogo. Neste contexto haverá dificuldade de os agentes parentais fazerem o suporte e reconhecimento das produções de seu filho.¹¹ Nesta classe predominaram os discursos das mães com ensino fundamental e médio completos, e suas falas tenderam a ressaltar os vínculos e a comunicação estabelecida com o bebê com todas as suas variantes.

CONCLUSÃO

Os discursos das mães alertaram tanto para questões essenciais à formação do laço mãe e bebê, tais como a presença imprescindível do agente maternante, da figura paterna, do afeto e de um cuidado harmônico; bem como para aspectos favoráveis e desfavoráveis na comunicação e atenção dispensadas aos bebês.

Ficou fortemente destacado nas mães com escolaridade mais baixa, que representam de forma significativa a primeira classe, uma dificuldade em seus relatos em transcender suas experiências cotidianas, visto terem as características rotineiras mais evidenciadas. Por outro lado, a mãe com maior nível instrucional se mostrou atenta a aspectos mais complexos da interação, transcendendo os cuidados básicos.

Os resultados sugerem ainda que o foco de atenção na relação destas mães com seus bebês ficou expressivamente voltado aos cuidados básicos, não menos importantes, mas que podem nos levar a ponderar a escolaridade das mães como um fator interveniente ao exercício da função materna e ou a sua significação, influenciando tanto a narrativa do estilo de laço como também a forma de cuidado.

Diante do exposto, os dados permitem refletir que a baixa escolaridade pode vir a ser um fator restritivo aos inúmeros arranjos e

inventividade que a maternidade convoca. Contrariamente, uma maior instrução educacional da mãe pode favorecer a ampliação de diversidade de ofertas feitas por ela ao seu bebê. Cabe considerar que os resultados estão, em parte, em sintonia com as noções também disseminadas pelo senso comum quanto à relação existente entre a escolaridade e o exercício da maternidade. Há o reconhecimento das limitações deste estudo, que se valeu de um número restrito de participantes, não permitindo tecer afirmações conclusivas.

REFERÊNCIAS

1. Winnicott DW. Os bebês e suas mães. In: Camargo JL, tradutor. São Paulo: Martins Fontes; 2002.

2. Jerusalinsky J. A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma; 2011.

3. Jerusalinsky J. Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma; 2002.

4. Cullere-Crespin G. In: Monteiro C, tradutor. A clínica precoce: o nascimento do humano. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.

5. Oliveira A. Vínculo primordial: função materna e asma infantil. Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2001;95:31-6.

6. Carlesso JPP, Souza APR. Dialogia mãe-filho em contextos de depressão materna: revisão de literatura. Rev CEFAC [Internet]. 2011 Aug [cited 2015 Marc 13];13(6):1119-26. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000600019&lng=en&tlng=pt.%2010.1590/S1516-184620110005000085.

7. Goretti, ACS, Almeida, SFC, Legnani VN. A relação mãe-bebê na estimulação precoce: um olhar psicanalítico. Estilos Clin. [Internet]. 2014 Dec [cited 2015 Mar 16]; 19(3): 414-35. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000300003&lng=pt&tlng=pt.%2010.11606/issn.1981-1624.v19i3p414-435

8. Queiroz TCN. Do desmame ao sujeito. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.

9. Jerusalinsky A. Psicanálise do autismo. Porto Alegre: Artes Médicas; 1984.

10. Mannoni M. De um impossível a outro. In: Ribeiro V, tradutor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1986.

11. Ferreira S. A interação mãe e bebê: primeiros passos. In: Vanderley DB,

Oliveira A de, Maia EMC, Alchieri JC.

O que dizem as mães sobre a relação...

organizador. Palavras em torno do berço. Salvador: Ágalma; 1997. p. 77-88.

12. Socha A. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. Winnicott e-prints [Internet]. 2008 [cited 2015 Marc 14];3(1-2):1-12. Available from:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2008000100001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1679-432X.

13. Flores M, Beltrami L, Souza PR. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. Distúrb Comum [Internet]. 2011 [cited 2015 Marc 15];23(2):143-52. Available from: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/articloe/view/8270>

14. Laznik M-C. Linguagem e comunicação do bebê de zero a três meses. In: Parlato-Oliveira E, organizador. A hora e a vez do bebê. São Paulo: Instituto Langage; 2013. p. 129-36.

15. Laznik M-C. Psicanalistas que trabalham em saúde pública. Pulsional Rev Psicanál [Internet]. 2000 [cited 2015 Marc 15];8(132):62-78. Available from: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/132_07.pdf

16. Kupfer MC, Jerusalinsky NA, Infante DP, Bernardino LM et al. Roteiro para avaliação psicanalítica de crianças de três anos - AP3. In Lerner R, Kupfer MCM, orgs. Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa. São Paulo: Escuta; 2008. p. 137-47.

17. Zornig SA-J. Tornar-se pai, tornar mãe: o processo de construção da parentalidade. Tempo psicanal [Internet]. 2010 [cited 2015 Marc 15];42(2):453-70. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010

18. Crestani AH, Mattana F, Moraes AB; Souza, APR. Fatores socioeconômicos, obstétricos, demográficos e psicossociais como risco ao desenvolvimento infantil. Rev CEFAC [Internet]. 2013 [cited 2015 Marc 15];15(4):847-56. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462013000400013&lng=en&tlng=pt.%2010.1590/S1516-18462013000400013.

19. Perrelli JGA, Zambaldi CF, Cantilino A, Sougey EB. Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. Rev Paul Pediatr [Internet]. 2014 [cited 2015 Marc 14];32(3):257-65. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822014000300257&lng=en&tlng=pt.%2010.1590/0103-0582201432318.

20. Silva JLG, Soares EA, Caetano EA, Loyola YCS, Garcia JAD, Mesquita G. O impacto da escolaridade materna e a renda per capita no desenvolvimento de crianças de zero a três anos. Rev Ciências Saúde [Internet]. 2011 [cited 2016 Feb 08];1(2):62-7. Available from: http://186.225.220.234:8484/rcsfmit/ojs-2.3.3-3/index.php/rcsfmit_zero/article/view/47

21. Andrade SA, Santos DN, Bastos AC, Pedromônico MRM, Almeida-Filho N, Barreto ML. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. Rev Saude Publica [Internet]. 2005 [cited 2016 Feb 08];39(4):606-11. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000400014&lng=en&tlng=pt.

22. Alvarenga P, Magalhães MO, Gomes QS. Relações entre práticas educativas maternas e problemas de externalização em pré-escolares. Estud Psicol (Campinas) [Internet]. 2012 [cited 2015 May 08];29(1):33-42. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000100004.

23. Alvarenga P, Malhado SCB, Lins TCS. O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. Estud Psicol [Internet]. 2014 Dec [cited 2015 Mar 08];19(4):305-14. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26135771008>.

24. Veiga L, Gondim SMG. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. Opin Pública [Internet]. 2001 [cited 2015 Apr 04];7(1):1-15. Recuperado Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762001000100001&lng=en&tlng=pt.%2010.1590/S0104-62762001000100001.

25. Saraiva ERA, Coutinho, MPL, Miranda RS. O emprego do software Alceste e o desvendar do mundo lexical em pesquisa documental. In: Coutinho MPL, Saraiva ERA, organizadores. Métodos de pesquisa em psicologia social: Perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: Editora Universitária; 2011. p. 67-94.

Submissão: 15/03/2016

Aceito: 01/06/2016

Publicado: 01/09/2016

Correspondência

Adriana de Oliveira

Rua Aluísio Cunha Lima, 500, Ap. 1402

Bairro Catolé

CEP 58410-258 – Campina Grande (PB), Brasil